

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Redactor principal: A. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton.

REDACTOR (Em Lisboa)
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Mataduços, Avanca, Estarreja, Canelas e Angeja.

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião
Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA
E I. REGIONAL

Redactor e Editor

Abilio de Carvalho

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO
DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz--QUINTA DE LOUREIRO
(CACIA)

Não se accitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

J. J. Nunes da Silva

No dia 5 p.p. passou mais um ano sobre a data do falecimento do chorado J. J. Nunes da Silva, fundador deste semanário, o mais antigo da região.

Nesta hora de acerbas recordações, compartilhamos sinceramente da amargura que fere o coração do seu extremoso filho, nosso presado amigo sr. Celestino Batista da Silva, illustre capitão do Exército.

CARLOS CONDE

Enriquece hoje as nossas colunas com as suas maravilhosas produções literárias o nosso prezado amigo, sr. Carlos Conde, director da *Canção do Sul*, antigo jornal lisboeta.

Ao distinto poeta que pertence à respeitável Família Conde, oriunda da Murtosa, pedimos que amiúde nos honre com os seus impecáveis trabalhos literários.

EVOCANDO FIGURAS... E RECORDANDO FACTOS

Como se serve uma Ideia

A MINHA HUMILDE FIGURA ATRAVÉS A RÊPÚBLICA.
— UM FACTO DA REVOLUÇÃO DE 5 DE OUTUBRO

Passados 21 anos após a madrugada do dia 4 de Outubro de 1910 (tinha eu saído há pouco dos bancos da escola primária e aguardava, numa oficina, trabalhando, a minha entrada no Liceu de Aveiro, o que se verificou em Outubro de 1911) sinto no peito o mesmo ardor, no coração o mesmo entusiasmo, na alma a mesma fé, que então me animou a saltar um viva à República, que então me fez vibrar de emoção, que então me decidiu para a luta que tenho vindo mantendo ininterruptamente na imprensa e na praça pública, mau grado o meu futuro económico que ficou seriamente prejudicado com a minha prisão por *delicto politico* em Abril de 1918, tendo in-

gressado no cárcere em companhia dos meus illustres amigos drs. Nobrega Quental (então secretário do chorado presidente da República dr. António José de Almeida) e António Lúcio Vidal, advogado em Vagos). Afugentara dos nossos espíritos preocupados, a ideia dum "passeio" a Timor, o saudoso secretário do Congresso da República, Feio Terenas.

Essa fé ainda se me não quebrantou, nem agora, que ela já possui raízes tam fundas em minha alma, se me quebrantará! Por isso tenho o orgulho de me dizer republicano—republicano que nunca comera cinco réis à República.

Não se me quebrantou a fé nos destinos da República que desejo ver acarinhada por todos os portugueses, como regime que é de Progresso e de Justiça.

Durante a minha vida académica, conjuntamente com Marques da Costa (filho), dr. Manuel de Vilhena, Manuel Peres (filho do general Peres) e tantos outros vinquei exuberantemente a minha personalidade republicana, quer na imprensa, quer em paredes e comícios, o que me valeu sérias perseguições de alguns elementos do corpo docente daquele estabelecimento de ensino, dos quais um—então meu professor de inglês—instado por todos os alunos do 4.º ano a justificar o "nove" que me dera no 4.º periodo, teve a desfaçatez de dizer, que, embora eu fosse um estudante regular, dava aquela média porque me não gramava.

A geração académica do meu tempo fala por mim.

Depois de ter colaborado em dezenas de jornais e de ter já fundado uma "revista" de doutrina e cultura e um "quinzenário", lanço para a *maré cheia* da opinião pública que nesses tempos periclitantes para a vida do regime (1919) era sacudida por fortes temporais de paixões e de ódios, um jornal—*O Republicano*—, que me valeu ser perseguido e votado... às feras!

A minha vida segue depois a trajectória dum rebelde—rebelde que jamais se curvará a conveniências—e, ora pelejando nas ruas da capital—braço dado com todos os idealistas amantes dum regime de Progresso e Equidade—ora na imprensa, onde tenho vindo gastando os meus fracos nervos, colaborando e criando jornais

retinamente republicanos, de doutrina essencialmente democrata, como *A Força*, que contava penas como as de Ramada Curto (ex-ministro e deputado, causídico de maior renome em Portugal) Bernardino Machado (ex-presidente da República), João de Barros (ex-ministro e secretário geral do ministério da Instrução), Agostinho Fortes, Ladislau Batalha, Francisco Noronha, Peres Trancoso (ex-ministro e oficial de patente superior da Marinha), Magalhães Lima (já falecido) e tantos outros insignes escritores e jornalistas, eu consegui chegar a esta altura da vida sem nunca ter recebido dos cofres do Estado a mais infima moeda, porque

(Continua na 2.ª página)

Francisco da Silva Passos

Faleceu há dias, em Lisboa, o poeta Silva Passos, espirito republicano.

Ao seu funeral, que constituiu uma sentida homenagem às excelsas qualidades morais do extinto, acorreu grande numero de jornalistas, entre os quais os nossos distintos colaboradores José Malheiro e C. Regueira Santos.

Tambem se fez representar o Grupo Democrático Defesa da República a cuja direcção pertence o nosso redactor na capital sr. Anibal Cruz.

Todos os redactores deste humilde semanário comungam na mesma dor que punge a alma de todos quantos conheceram o saudoso poeta da Revolução—temperamento avesso a louvaminhas que marcou no meio republicano um logar de inconfundível beleza, pelo desinteresse que sempre pôs na luta em prol da dignificação e consolidação do regime.

UMA ATITUDE DECISIVA

Luz electrica em Cacia

A Comissão Administrativa de Cacia chamou a si o encargo de pugnar pela immediata instalação da rede de fornecimento de luz electrica na nossa terra.

O gesto desta corporação conquistou a simpatia de todos os cacienses amigos do seu torrão natal; e este jornal não pode deixar de publicamente se manifestar apoiando, como lhe eumpre, a acção da C. A. C.

O melhoramento da luz electrica é esperado por todos há perto duma dúzia de anos, confiando o povo que sempre um dia se lhe deveria deparar a feliz oportunidade de vêr a sua terra iluminada a electricidade.

Terá chegado essa oportunidade?

Oxalá assim seja.

Fazemos votos por que os obstáculos que se levantaram no inicio das *démarches* levadas a efeito, neste sentido, pela C. A. C. tenham já desaparecido ou possam ser sem grandes dificuldades removidos, a fim de o mais breve possível obtermos a desejada luz.

*Sabemos igualmente que existem já ofertas de vários naturais da terra e amantes do seu progresso e desenvolvimento, que ascendem a importância de 15 mil escudos para ajuda dos gastos com a instalação do cabo condutor da energia.

Podíamos citar os nomes desses autênticos bairristas, mas entendemos que é extemporâneo, por enquanto, fazê-lo.

O que urge é que, numa comunhão sacratíssima de vontades e energias, todos se unam em volta da C. A. C. para que a sua attitude, francamente decisiva e que traduz uma grande tenacidade e forte ânsia de vida, possa vencer todos esses obstáculos que surgiram.

Cacia é uma das freguesias mais importantes do concelho de Aveiro e, como tal, pode exigir da C. M. A. este melhoramento. Para tanto, não lhe escasseia a autoridade. Pela luz electrica trabalhemos, pois.

MANUEL DE VILHENA
Advogado

Rocio AVEIRO

A INSTRUÇÃO EM PORTUGAL

Através a nossa História

É muito difficil, senão até impossível, determinar, com exactidão, a época em que o ensino em Portugal começou a ter uma forma caracterizadamente official.

Alguns reis das dinastias Afonsina e Joanina foram, na verdade, dedicados às tetras pátrias, mas quasi que se preocupavam exclusivamente com a instrução superior, aquela que, afinal, só poderia aproveitar às classes ricas ou privilegiadas.

A massa popular, a *escória social*, essa não lhe era dado comungar do pão do espirito; e, todavia, ela era o factor principal de toda a prosperidade e de toda a riqueza feudal.

Foi assim que o Povo se conservou por largos séculos, alimária inconsciente, escravo do senhor feudal e do augusto amo, seu rei, não por consenso dos seus subditos, mas por sugestão divina, como sucedia nos antigos tempos bíblicos com os profetas entre os hebreus.

Após várias vicissitudes, e sob o domínio de diversos personagens reinantes, surge,

como protector da instrução popular em Portugal o incomparável Marquês de Pombal, o grande, o audacioso e inspirado ministro de D. José I.

A memória deste insigne estadista tornou-se imortal por muitos títulos, e, sem dúvida um deles, foi o seu entranhado amor pela instrução popular gratuita.

Na verdade, coube ao grande Marquês, a honra de ter sido o iniciador da instrução popular gratuita, pela lei de 6 de Novembro de 1772. Foi elle o precursor do ensino popular gratuito, antecedente neste ramo de administração pública, todos os outros estados da Europa.

E assim a lei de 1772 foi a primeira que uniformizou e garantiu a instrução a todo o cidadão, criando a dotação do magistério primário, concurso, a fiscalização do ensino, mandando abrir uma escola em cada centro da população, fundando-se nesse ano cerca de 500 escolas, e, três anos depois, contavam-se, aproximadamente, 750.

Estavam, portanto, lançadas as bases para uma larga

Como se serve uma Ideia

(Continuação da 1.ª página)

sempre tenho vivido pelo esforço do meu braço, meu inseparável amigo, que assim me livra de curvar a cerviz seja a quem fôr. Apenas com êle conto nesta *feira miserável* de caracteres em que a *nulidade*, após uma falsa capa de verniz, se *impinge* por *artigo* de bom preço. A culpa não é de quem se vende porque a maldade reside no comprador, reles alugador da consciência alheia.

A atitude dêsse jornal — *A Força* — valeu-me sérias perseguições, da parte do sr. Cunha Leal, então presidente de ministério (que nêsse tempo preparava uma ditadura para êle — ditadura inteligentemente evitada pelo excelso presidente da República dr. Teixeira Gomes) e perseguições de que não fui eu apenas o alvo. O proprietário e administrador dêsse jornal, meu excelente amigo e fervoroso democrata Manuel A. Chicharo, ao tempo comerciante na rua do Mundo, viu-se na necessidade de retirar de Lisboa.

Davam ainda a honra de colaborar nêsse jornal, que chegou a fazer uma tiragem muito regular (vendendo-se só na Tabacaria do Itália 200 exemplares) os srs. drs. Amâncio de Alpoim e Alfredo Nordeste.

Mas, para tanto, o caminho que trilhávamos não tinha curvas. Não contornávamos os obstáculos...

Por isso sou talvez cruel, quando, em defeza dos meus ideais, pego na pena para a atirar à face deslavada dos republicanos, que o são, para comerem na *gamela da mãeinha*.

Talvez seja cruel, mas o que nunca deixo de ser, é justo.

Mas, dando-se a hipótese de que um dia erre, na critica dum político, é preciso ao que me apontar êsse erro ter o estômago bem lavado de gorduras republicanas, para que não lhe escasseie a autoridade, para que eu lhe possa dar a importância de o ouvir. E' preciso ter o estômago bem lavado de gorduras republicanas e possuir a categoria de todo o homem que

produz trabalho útil em prol do seu semelhante para eu me sentir bem, conversando.

De contrário, tem moral muito baixa, para eu o poder considerar.

Nêste mundo, nêste mundo abjecto, vil e interesseiro, criminoso e hipócrita, vence o pulha. E o pulha é aquêle que lamuria, referindo-se aos idealistas — aquêles que do mundo não querem as suas efêmeras riquezas —: «São uns perdulários!...»

E dizem isto para justificarem a pança erguida!!

Que tartufos!

Somos perdulários, nós os idealistas, porque não temos o que êles na sua criminosa ansia tanto ambicionam — o dinheiro! E, no entanto, se êle fôsse dado, equitativamente, em relação, ao trabalho de cada um, nós muito ricos hoje seríamos, e êsses párias e snobs, pobremmente, decerto, viveriam.

Vivemos apenas do trabalho, e o *salário* que auferimos com o suor do nosso rosto não representa a importância que êles — esses nababos — estragam com as amantes.

Por isso não podemos ser ricos, mas ao menos compensanos prodigamente, a vaidade de o proclamarmos...

O salário do trabalhador em Portugal nunca enriqueceu nem enriquece ninguém, porque nem sequer chega para comer; por conseguinte, quem enriquecer em Portugal, poderá dever a sua fortuna a todas as «habilidades» — habilidades que são crimes de maior ou menor vulto — que nanja ao trabalho, ao esforço do braço ou do intelecto.

Magalhães Lima, o verbo da Democracia, que inúmeras vezes me recebeu na sua casa da rua do Mundo para me dar artigos para os meus jornais, e onde me sentia tão feliz recebendo as suas lições de mestre no jornalismo, foi um autêntico democrata.

Na sua indumentária despre-

e fecunda reforma do ensino nacional gratuito.

Porém, o desterro do Marquês, a destituição do Ministro e ainda os acontecimentos que tiveram lugar depois da morte de D. José I, sepultaram toda a obra do arrojado português.

Os inimigos do Marquês de Pombal, na sua ânsia de feroz vingança, não pouparam nenhuma das suas obras, ainda mesmo que lhe reconhecessem utilidade.

Foi desta maneira que, durante o período reinado da rainha demente e da dementada regência, e convulsionado todo o país nas lutas contra as invasões francêsas, e depois contra o domínio dos nossos fieis aliados, não era para admirar que os negócios da instrução popular fossem de todo abandonados, como abandonados foram todos os outros negócios públicos por aquêles que sucederam ao intrépido Marquês de Pombal.

Mas, felizmente nem tudo se perdeu. A semente grande e fecunda das boas ideias de

Pombal germinou e floresceu em toda a sua pujança na memorável revolução de 1820, surgindo uma nova aurora para a instrução nacional em Portugal.

É que os heroicos revolucionários de 20 compreenderam — e compreenderam muito bem — que nada valia dar a liberdade ampla, a autonomia mental a todo o cidadão se êle não estivesse apto, preparado para exercer todos os direitos e cumprir todos os deveres que a nova organização política lhes outorgava e impunha; e isso, evidentemente, pertencia à escola.

Foi assim que o Congresso de 1820, na sua grande obra de rejuvenescimento nacional não esqueceu a instrução do povo trabalhador — convicto de que era da escola que dependia a estabilidade do novo regimen — remodelando a lei de 1772 com notáveis melhoramentos e votando uma completa organização sobre instrução primária.

JOSE CRUZ.

Médico na Figueira da Foz

tensiosa, demonstrava eloquentemente que não o cegava a vaidade e o orgulho. Podendo ser rico, era pobre; podendo ser Presidente da República, para o que o seu nome foi muitas vezes indigitado, nunca se valeu do prestígio que soubera criar entre as massas republicanas, para ir habitar o palácio de Belem.

Os bons republicanos são esses que não desejaram o advento do novo regime para saírem da miséria, para deixarem de trabalhar, para se armarem com as mais ascorosas penas de pavão.

Os bons republicanos são esses que têm lutado pela sua idéa mantendo integros através de todos os sacrificios e malquerenças os seus princípios políticos, êsses princípios que são a razão de ser do regime a que as Constituintes de 1911 deram forma jurídica.

Os bons e honestos republicanos são êsses que nunca *comeram* cinco réis à república, que desprezaram o *bôdo* dos revolucionários civis porque são apenas apologistas de pensões ao trabalhador inválido e impossibilitado de trabalhar.

O sacrificio do revolucionário não pode ser pago a dinheiro — porque sendo assim, não é o amor à Idéa que anima o revolucionário, mas sim o *apetite*, a ambição. E quem tem empobrecido a República, são precisamente êstes e... outros insaciáveis «sangue-sugas»!

Machado dos Santos, quando *evolucionava* à frente dum numeroso grupo de revolucionários, nas proximidades da Rotunda, vendo a Causa em perigo, sentiu arrefecer-se-lhe o ânimo. O grupo, que era constituído, na sua maioria, por filiaes do Centro Republicano de Campo de Ourique e de que fazia parte o meu amigo Flávio Gonçalves, fez crer a Machado dos Santos que estava disposto a derramar a última gota de sangue pela vitória da Revolução. Tão nobre atitude decidiu o bravo comandante a um sublime sacrificio, e assim, foi possível que, no dia seguinte, tremulasse a bandeira verde-rubra por sobre o Palácio das Necessidades.

Estava feita a República, porque foi o próprio povo quem, consciente da sua força, a impoz a si-mesmo.

O que depois se tornava uma necessidade, era criar, entre os povos rurais, a Consciência republicana. E não é fazendo o que os políticos da nossa república têm feito que essa Consciência se forma. A República que aí vem não ha-de permitir os erros do passado, disse me convengo, porque não será já-mais possível a *engorda* de nababos. Se êstes *sonham* com isso enganam-se porque estamos prevenidos contra os «empalmanços» dos «comodistas»...

O que importa, pois, é criar uma Consciência Republicana, que o povo saiba o que quer dizer *República*.

E essa finalidade não se conquista fazendo crer ao povo que se trocara a corôa real pelo barrête frígido, apenas com o intuito mercantil de irem outros tomar conta das rédeas do Estado. E' preciso que o povo saiba que não se trata apenas dum simples mudança de rótulos.

Se sou republicano é porque encontro na República campo aberto à expansão das idéas liberais, é porque o regime republicano consubstancia a Verdade, o Progresso e a Justiça, e faculta melhor que nenhum outro a natural evolução da massa social, é porque a minha

Moral do sapateiro de Braga...

O GRUPO DRAMÁTICO

Tendo lido no último número do «Ecos» o artigo do sr. Manuel Pinto Perfeito sobre a forma escandalosa como alguns elementos do «finado» Grupo Dramático União Caciense chamaram ao «papo» o producto do trabalho de todos os componentes do referido grupo, senti também a tentação de vir a público dizer da minha justiça.

O sr. Pinto Perfeito tem razão; e, como convida todos os lesados a pronunciarem-se, eu aqui venho declarar que estou incondicionalmente a seu lado para tudo quanto seja necessário fazer-se em bem da justiça.

O grupo, de facto, nunca foi fundado porque nunca teve estatutos nem funcionava legalmente. Por isso fomos todos seus formadores e não fundadores. Entre todos os elementos foi indicado um que deveria fazer «as vezes» de tesoureiro, e outro que desempenharia o cargo de secretário, assim como incumbiamos, segundo o nosso critério, «êste» ou «aquele» de desempenhar certo e determinado «papel». Resolviamos todos êstes assuntos «cá entre nós» com o soe dizer-se.

Ora, sendo assim, o grupo constituia, pois, uma família, onde todos trabalhavam para o monte, irmanados todos no mesmo ideal. Por conseguinte a receita era de todos, mas indo pela razão, ela não era de ninguém porque nós trabalhávamos no grupo sem intuios interesseiros mas sim no intento bairrista de criarmos na terra uma casa de recreio. Seguindo esta ordem de idéas o dinheiro que está em coife (porque eu não posso admitir sequer a hipótese que o tesoureiro ou meia dúzia dos nossos companheiros nos roubassem, porque sendo assim o caso implica intervenção policial) pertence, ou deve por lógica pertencer, ao Grupo Musical Caciense por ser a única agremiação de carácter recreativo que temos na terra, agremiação esta que foi formada após o desaparecimento do Grupo Dramático e que conta muitos elementos do referido grupo. Mas... isto é eu falar, porquanto

só em reunião magna de todos quantos formaram o Grupo Dramático para o que se devem fazer as necessárias convocações, se poderá resolver qual o destino a dar ao dinheiro.

Este caso vem lembrar-me a máxima do «Sapateiro de Braga» (meu illustre colega): «Ou há moralidade ou comem todos!»

E o que houve menos da parte dos nossos «ilustres» companheiros do grupo que chamaram a si a «massa» que era de todos, foi moralidade.

Se esses «sete» que desviaram com os seus 35 dedos o dinheiro do grupo são os únicos donos do espólio do mesmo é porque nós outros que não fomos chamados para... «as contas de sacos», trabalhávamos por conta deles.

Se assim é, quem me ha de responder às perguntas que vou fazer!? Alguém ha de ser porque ainda não conheci um estabelecimento que não tivesse dono...

Ora vamos lá:

¿Que contracto fizeram comigo esses sete senhores para eu ir trabalhar por conta deles?

¿Se o contracto não foi escrito, mas verbalmente ficou firmado, quem me paga o ordenado?

¿E nesses casos queiram-me dizer quanto ganhava por dia (porque... já não me recordo...), e passem quanto antes para cá essa «massa» porque eu vivo do meu trabalho e não posso viver com o dinheiro na mão dos outros!

Mas não se trata nada disto. Todos trabalhávamos para o «monte», como toda a gente da terra sabe.

Eu não quero nada dêsse dinheiro, o que quero é que os componentes do grupo se reúnam e digam o destino que se ha de dar ao dinheiro... e quem quiser possuir aneis de ouro comprou-os com o seu dinheiro que é o que eu faço. E vamos a contas porque isto é uma vergonha, não para mim, mas para quem não as quer prestar.

Cacia, 6[10]31

Zeferino Gomes da Costa.

razão não comprênde que o Direito seja qualquer bem transmissível.

Curvei-me sempre ante a vontade da maioria, e, se a maioria é o povo, o povo é quem, à falta de possuir uma alta consciência cívica, deve delegar nos seus eleitos, a sua Soberania, o seu Poder.

Eis porque sou republicano — eis porque entendo que todos os verdadeiros republicanos devem trabalhar em prol da formação da consciência cívica do povo, e não limitarem a sua acção como republicanos à colheita de votos (principalmente nas aldeolas, onde isso não representa um serviço à República por ausência completa no eleitor de consciência cívica).

Êsse beneficio reverte apenas em favôr do cacique. O eleitor é um instrumento na sua mão.

Se êste deita, hoje, um voto pelos republicanos, amanhã, com uma lamentavel inconsciência do que vale como cidadão, lança outro, na urna, pelos monárquicos.

Antes de tudo eduquemos politicamente o povo, para que êle conheça os seus direitos e deveres. E' o que me cumpre fazer como republicano.

Como democrata cometeria um crime se metesse, forçadamente, na mão dum imbecil, uma lista. Aumentaria, assim, a legião dos carneiros que vão às urnas por um copo de vinho. Mas sim, sirvo a minha idéa, educando politicamente o povo.

R. Conde.

Ainda a inauguração da Escola de Bonsucesso

Conforme noticiamos no último número damos hoje à estampa as notas que podemos colher do notável discurso proferido pelo sr. dr. Alberto Souto,

na sessão solene realizada a quando a inauguração desta escola.

Seguem essas notas:

O sr. dr. Alberto Souto diz que fala apenas para corresponder à gentileza do convite e à instância do pedido que lhe fazem, mas como filho da terra, como se fôsse o mais humilde dos seus vinhos e o mais ignorado dos que aqui cultivam o campo.

Os princípios democraticos que professa obrigam-o a proceder assim: despir-se de todas as honras para cumprir o seu dever como um simples cidadão.

E não pode negar-se a enaltecer a obra que a C. A. da Junta tem realizado, administrando na verdade com superior critério, promovendo e realizando melhoramentos que engrandecem e civilizam a freguesia e que eram de ha muito a nossa aspiração.

Depois da implantação da República, as Juntas que se sucederam, lutaram com acres dificuldades, não podendo levar a efeito o que esta Comissão agora com êxito alcançou.

A obra capital foi a venda dos baldios, vergonha que enodoava os logares de Bonsucesso e Quinta do Picado. Durante muitos anos os povos oprimiram-se não só à venda mas até ao saneamento e arborização dêsses charcos imundos.

Mas chegou a hora da clarividência, o momento oportuno de transformar o pantano num campo cultivado e aquilo que era um horror para a vista e um perigo para a saúde pública é hoje um jardim onde as flores rebriham por entre o milheiral!

Agradece ao sr. presidente da Câmara e administrador dos Serviços Municipalizados êste beneficio. A electricidade é o emblema do progresso e o guia do Futuro.

Este povo começa a saber utilizar a civilização e os grandes instrumentos de cultura e conforto que ela nos oferece. Ainda bem.

Tem-nos entorpecido um marasmo que nos não deixava dar um passo.

Os povos assim parados, retrogradados, boçais, morrem na luta do tempo que passa.

Só vencem, só vivem, só se impõem e dão ao respeito internacional os povos que se civilizam e caminham na vanguarda do progresso.

Temos que fazer passos largos e rápidos para recuperarmos o tempo que perdemos a dormir a sono solto.

Depois de várias considerações a que já nos referimos no n.º de 21 de Setembro p.p., o sr. dr. fechou dêste modo o seu admirável discurso:

— A nossa terra parece já outra, e por isso, eu que tanto amor lhe tinha por ser o meu berço, passo a ter-lhe mais ainda por ela ser melhor e mais linda.

TRES FASES DO AMOR...

(CHARGE A PROPÓSITO)

No passado

Senhora: — Pela cruz da minha espada
Vos juro conquistar o vosso amor;
Nem que eu pense beijar o pó da estrada,
Ajoelhado ante vós, ó minha amada,
Como um Cristão aos pés do Redentor!...

Do mundo sofrerei atrás desdoiro,
Más crêde que os meus olhos são dois sábios
Que já descortinaram um tesouro:
As vossas duas lindas tranças d' oiro
E o mágico rubi dos vossos lábios.

Senhora: — corri mundo. E mundo em fora
Tudo fui conquistando de vencida
P'ra conquistar vosso amôr, agora;
E, de guerreiro, eu quero-vos, Senhora,
P'ra ser vosso laçao tóda a vida!...

Depois, tudo pâra nós será tam belo,
Tudo pâra nós terá valôr tam fundo
Como essa fonte d' oiro, êsse cabêlo;
E as muralhas gigantes d'um castelo,
Livraram-nos-ão do resto dêste mundo.

E por vós, e por tudo o que o céu cobre,
De pêjo não coreis, dama formosa,
Ante o que o meu desejo vos descobre:
Crêde no meu amôr fidalgo e nobre
E deixai-me oscular a mão mimosa!...

No presente

Dinah. — Estive a tarde inteira no cinema
E você não apar'ceu.
A fita, uma chatice, um gasto, um velho tema.
Mas visto que prometeu
Não faltar,

Eu predispuz-me e fui. Cancei-me de esperar
Por você,

Porque a adoro já se vê,
Não com aquele amôr que apresentou a fita,
onde o par da paixão por vezes esquisita,
Apenas por tolice,

Levava o noivo à guerra heroica, mas ruim,
P'ra poder conquistar a sua amada. Enfim,
Uma tremenda chatice...

Se fôr ao baile azul esta noite, não leve
Os seus abdules doirados,
Que entre os seus dedos de neve
E os seus lábios carminados,

Me chegam a fazer tão profundo ciume,
Que o meu peito ardendo em chama,
Queimaria o próprio lume
De cada abdule que inflama.

Ah, é verdade. Vi hoje em exposição
O seu retrato a nú, aquele que tirou
Lá na Costa do Sol, êste último verão.
Cria você que ficou

Obedecendo bem às mais concretas normas,
E assim é, que tóda a gente

Bastante elogiava as suas lindas formas,
E a beleza sem fim dos seios divinais,
Erectos, lindos nevados.

Você tem uns quadris de fina saliência
Tão belos, contornados,
Capazes, por tal encanto,
De fazer pecar um Santo.

Tenha Você paciência
Desta minha franqueza ante os seus dons gentís
E receba você os beijos do seu — X.

No futuro

Parece incrível, Alberto,
Que ainda tenhas receio
De teu pai saber ao certo
Dêste nosso amôr liberto,
Dêste amôr de terno anseio.

Pâra que tu não fugisses
Dêste amôr como do pirigo,
Jurei-te, a par de tolices,
Que cêguinha tu me visses
Se eu não casasse contigo.

Gosto de ti. Convenci-me
Nêste amôr de férreos laços,
Profundo, eterno, sublime,
E seria mesmo um crime
Deixar-te um filho nos braços...

Despreza sempre os gracejos,
Do vil mulhero que passa,
Perdendo os homens com beijos
Mas que após os seus desejos
Os atiram pâra a desgraça...

Serei, pois, tua mulher;
Tudo p'ra isso se apraza,
Tudo bem ha de correr,
E tenho fé que has de ser
Sempre um bom dono de casa...

Deixa-te lá de chorar
Que casaremos, descarisa;
E enquanto eu vou trabalhar,
Vais tu fazendo o jantar
E dando o leite à criança...

Cede tu sempre ao que eu quero,
Obedece sem demora,
Sê casto, honesto e sincero,
E não esqueças que te espero
No tal sitio... à mesma hora...

L I S B O A — C A R L O S C O N D E

Várias notícias

Um crime que é seriamente punido, caso se venha a descobrir o seu selvagem autor...

Todos os anos na época da pesca do pimpão e da enguia, aparece sempre um "alguém" misterioso a lançar cóca nos sítios da Samouqueira mais frequentados pelo peixe.

Ultimamente as suspeitas têm-se avolumado sobre um "pescador" que, ao que se diz, é um tratante da pior espécie, com uma folha de serviços à... casa dos outros e pêras!

E' bom que se emende, porque "a sua cara" é de comprometido...

... A não ser que queira ir paga-las tôdas juntas pâra a enxovia.

O que se não pode consentir é esta pouca vergonha.

Falecimentos

No dia 28 de Setembro p.p., faleceu em Sarrazola, Maria Luiza Nunes, de 70 anos, solteira.

— Também faleceu no dia 29 do mesmo mês, José Maria Marques d'Oliveira, de 3 meses, filho do sr. Domingos Marques d'Oliveira, de Sarrazola.

Desordem

No dia 27 do p.p. mês de Setembro envolveram-se em desordem, no sítio da Le-

vada de Sarrazola, Ventura Dias Ferreira e José Maria Rodrigues Camarão (o Re-bimba), por questões de pouca monta.

Da contenda saíu com leves ferimentos no rosto o Dias Ferreira.

Pic-nics

No penúltimo domingo, deu um passeio à Barra, no barco do sr. Luís Tanela, a família Couceiro da Costa, de Vilarinho.

Gente nova

Deu ontem à luz uma robusta criança do sexo masculino a virtuosa esposa do nosso distinguido amigo sr. António Nunes Teixeira, industrial no Pôrto.

Os nossos parabéns.

O açude da ponte

Não principiaram ainda as obras do açude em virtude de, por falta de água, os barcos não poderem transitar.

Grande caçada

Pâra tomar parte numa caçada, chegou de Lisboa, o sr. dr. Cristiano Nina.

«Alma Popular»

Festejou no dia 5 do corrente o seu aniversário, êste bem redigido jornal que se publica em Oliv.ª do Bairro. Parabéns.

Chamamos a atenção do leitor pâra as «Notícias da nossa Terra» que publicamos na 4.ª

Pedido de casamento

Dos jornais da capital, recordamos o seguinte:

Pela sr.ª D. Zulmira de Figueiredo e seu espôso, sr. José de Figueiredo, sub-chefe da policia aposentado, foi pedida pâra seu filho José de Figueiredo, tipógrafo da Imprensa Nacional de Lisboa, mademoiselle Margarida da Silva Ferreira, gentil filha do sr. José Nunes Ferreira, empregado na mesma Imprensa, e da sr.ª D. Rosa da Silva, já falecida.

O enlace realiza-se no principio do próximo ano.

ECOS DA SOCIEDADE

ANOS

Fez 53 anos no dia 23 do corrente o nosso amigo sr. Alípio Dias da Cunha, residente em Lisboa.

— Também fez 19 anos no dia 15 do p. p. mês de Agosto o sr. José Maria da S. Matos, filho do nosso amigo sr. Julio da Silva Matos, industrial na Granja. Parabéns.

CASAMENTOS

Tem lugar no proximo dia 12 o enlace matrimonial da menina Maria da Silva Valente, filha do nosso amigo sr. Manuel da Silva Couto com o sr. Alcino de Souza Azevedo, natural da Granja.

BATISADO

No dia 19 do pp. mês de Set.º teve lugar o registro de batismo

duma filha do nosso amigo sr. Manuel Marques Gaspar, comerciante, de Vilarinho. Serviram de padrinhos o sr. Domingos R. da Bela e sua esposa. A noivita recebeu o nome de Gracinda.

PARTIDAS

Para o Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) seguiram há dias os srs. Manuel Alexandre da Silva, grande industrial, Antonio Valente, empregado na casa daquele sr., José Maria Rodrigues da Silva Rema, de S. João de Loure e Antonio Simões Lopes.

— Para La Guardia (Hespanha) o academico Fernando de Beires do Vale Nunes da Silva.

— Para Coimbra o sr. dr. Armando Rodrigues Simões, estudante da Faculdade de Direito.

— Para Lisboa os ex.ºs srs. Francisco Mateus e José Rodrigues Neto. Para a mesma cidade também partiu o sr. Alípio Dias da Cunha, residente em Avanca.

— Para o Pôrto a ex.ª familia do sr. Narcizo Teixeira da Mota e Silva, socio da importante firma A. M. da Costa Brito, representante no Norte das boas marcas de automoveis «Sotto Chrysler», «Morris» e «Plymouth».

— Também pâra a capital se retiraram há dias o sr. João Nunes Crespo e familia e o sr. João Nunes Cruz e familia.

— Pâra o Barreiro a sr.ª Ascenção dos Santos e Cunha.

— Da praia de Espinho pâra a Branca, acompanhado de sua familia, o prof. José Francisco Corujo.

— Para Aveiro, onde fixou

residencia, acompanhado de sua ex.ª familia, o sr. João Gomes da Silva, capitalista.

DE PASSAGEM

De passagem para Avanca, onde foi visitar seu irmão Alípio, vimos em Cacia, o nosso amigo, sr. Joaquim Dias da Cunha.

— Também tivemos o prazer de cumprimentar há dias, o nosso amigo sr. Alípio Dias da Cunha, acompanhado dos nossos prezados assinantes, srs. Manuel Valente de Almeida e João Augusto Pereira.

CHEGADAS

Da praia da Nazaret, o sr. José Nunes Ventura, e de Espinho, o prof. sr. A. Pinto Júnior.

ESTADAS

Com poucos dias de demora, esteve em Sarrazola, o nosso amigo sr. António Maria da Silva Matos.

O nosso correio

405 — Recebi sua carta assim como a importancia mencionada. Desejava saber quando é esse dia grande...

209 — Recebi sua carta; está tudo na ordem.

226 — Visitarei o amigo por estes dias.

105 — Tem-se mantido num silencio tão grande...

Tendo tanto para dizer? Tudo se háde esclarecer. Quem não quiere ser lóbo não lhe veste a pele.

94 — O distribuidor tem deixado na padaria Lisbonense o seu jornal? Fará o favor de reclamar para evitar faltas.

NOTICIAS DA NOSSA TERRA

De Angeja

Várias notícias — Partiram para Lisboa, os srs.: Venâncio Fernandes Gomes e família; a esposa do sr. Artur Pires Rebelo e filho; D. Hortence Pires e família; Emídio Nogueira Trindade e família; Emídio Pereira de Matos e Luís Nogueira e família.

— Pára Santarem, também se retirou o sr. Manuel Nunes da Trindade e família.

— De França chegaram os srs. Cândido e Manuel Valente.

— Realizou-se há dias o casamento do sr. Manuel de Bastos Tanoeiro, sobrinho do sr. José Joaquim de Bastos Lage, com a menina Maria Marques Nogueira, filha do sr. João Rato, dos Pinheiros.

Os noivos seguiram para Coimbra a passar a «lua de mel».

Um futuro muito risonho e próspero é o que lhes desejamos.

— Encontra-se nesta vila há dias, vindo de Matozinhos, acompanhado de sua ex.^{ma} família, o ex.^{mo} sr. dr. Fernando de Matos.

— Também chegou da América, o sr. Vicente Peixico.

De Avanca

Resto duma conversa — Ora cá estou novamente... a relatar o final duma conversa que tive há tempos com um lavrador da nossa terra...

— ... Quanto às estradas já nem merece a pena perder tempo a falar nisso; era realmente agora a época própria de as consertar, mas, como isso é coisa que na nossa freguesia se não usa, nunca mais sairemos desta pouca vergonha...

— Já que principiamos a falar nisto — o que se fará aos candieiros que se ostentam nas paredes, desde a estação até à «Casa do Marinheiro»?

«Não seria mau que eles iluminassem o caminho que vai para a Areia d'Além; já que pára ali não vai electricidade que cedam ao menos esses candieiros...»

— É que pára aqueles lados não mora nenhum...

— Não sabe o que está pára acontecer no próximo domingo?

— Não sei...

— Também eu não... mas, parece-me, que anda coisa no ar...

— Então deixe passar o domingo... e apareça-me, pára trocarmos impressões sobre o que... acontecer.

Jeny.

De Mataduchos - Alumieira

O diabo transformado em pôreo, percorre algumas ruas da nossa localidade. — Na noite de 4 para 5 do corrente, fugiu dum chiqueiro um pôreo, pertencente à sr.^a Rosa Simões de Moura.

Quando o animal se apanhou «à solta» percorreu desenfreadamente aidos e algumas ruas do logar. Aquella hora costumam as vendeiras de leite dirigirem-se para a cidade, a fim de procederem à distribuição do mesmo. Quando deram com os olhos na diabólica aparição encheram-se de pavor. Aconteceu porém, para aumentar ainda mais o borborinho que o numero de mulheres aumentara com as devotas que altas horas da madrugada se levantam para irem assistir às pregações dos missionários, na igreja de Esqueira.

Foi nesta altura o diabo... feito pôreo!

As mulheres, ao depararem com o animal, que é digno de admiração pelo seu grande tamanho, ficaram muito assustadas com aquêllo estranho bicho! Algumas delas mais tementes a

Deus, convenceram-se que, na realidade, viam o diabo... assim transformado em pôreo-sujo. E... receando que o diabo se lhes metesse no corpo, desataram a fugir, fazendo figas e cruces com os dedos e com a mão, atemorizadas, espavoridas soltando altos berros e bradando:

«—Eu te «esconjuro!» «T'arrenego, pôreo-sujo!»

O pobre animal, assustado com o ladrar dos cães e com a infernal algazarra que as devotas faziam, e ainda com o *matraquear* das várias medidas de latão e diversos *aparelhos* de conduzirem o leite, roncava como um possesso, bufava como um toiro desequilibrado, ora correndo atrás das mulheres como um javali, ora escavando no saibro da estrada, resmungando, ora pulando e atirando-se danado às portas produzindo com as suas possantes troubadadas sons cavos e soturnos...

Era um horror! O bicho tão assediado se viu que veio parar perto da residência do sr. Domingos Lopes.

Nesta altura já não havia ninguém que conseguisse conciliar o sono em Mataduchos. Tudo acordara com o medonho reboliço... Na verdade o caso não era para menos. O diabo descendo ou subindo... do Inferno (não sabemos se esse hotel fica para cima ou para baixo) tinha-se vindo meter em Mataduchos... entre frescas beatas e leiteiras interessantes que, pobresinhas, iam no cumprimento do seu dever pára a praça de Aveiro.

As mulheres andavam numa roda viva. E o pôreo, rogando pragas à sua sorte, procurava também assustado, um refúgio.

Assim, tantas trombadas deu numa porta dum visinho daquelle nosso amigo, que elle acorreu. Julgara o pobre campónio que eram ladrões que lhe andavam em casa, pelo que apressado, mesmo em trajas men-

res, se dirigiu para a porta da rua, para gritar por socorro. Mal o homenzinho deu volta à aldraba, o pôreo por entre as pernas que tremiam como varas verdes, enfiou-se para dentro da casa, derrubando o homem que caíra de bôreo sobre o rotundo dorso do animal, espalhando o azeite da candieira que caíra tilintando no soalho da pobre habitação...

Ah, pernas pára te quero!...

O homem, julgando, como as mulheres, que era... o diabo feito pôreo, fugiu a bom fugir, pelos quintais fora, berrando, clamando por todos os santos que existem na corte do céu... A aflicção do homenzinho inspirava dó, pois elle julgara também ver o diabo no pôreo.

Por fim, o pôreo, julgando por sua vez que estava na casa dum maluco, deu uma volta à esquerda e tocou acelerado, correndo novamente atrás das beatas e das leiteiras que tinham medo do diabo, mas que gostavam de ver o porquinho!

Enfim, foi preciso que apparecesse o sr. João Dionízio para se acabar com aquella *nojenta chuchadeira*. Resolutamente segurou o pôreo e recolheu-o nos seus currais até que a dona o foi lá buscar.

M. Sebastião.

Anos — Fez anos no dia 5 a sr.^a D. Maria d'Oliveira Bastos de Souza, esposa do sr. Manuel de Souza, residente em Leiria.

— Também fez anos no mesmo dia o sr. Manuel da Maia Cunha.

Os nossos parabens.

Várias notícias — Encontra-se entre nós, vindo da Figueira da Foz, o sr. João M. Moreira.

— Já partiu pára Lisboa, o sr. António G. Gaudier, acompanhado de seu filhinho que vai este ano frequentar, pela primeira vez o Liceu Camões.

— Vindo de Arzede, encon-

tra-se entre nós a sr. Luís M. Moreira.

— Retirou-se há dias pára Lisboa, onde foi procurar colocar seu filho António, o sr. João Dionízio.

— Reabriu no primeiro dia do ano escolar, a Escola-mixta desta localidade, sendo a concorrencia regular e sendo a dig.^{ma} professora muito cumprimentada.

Um D. Juan. — Fomos informados que, pelas extensas avenidas marginaes cá do burgo, *veraneia* um tenível D. Juan! O tenível conquistador *arrasta a aza* a toda a galinha que encontra. Julgará elle que todo o mato tem *oregos*?

O dr. Bombarda sempre fez muita falta...

(Nesta altura metia uns versos que, por esta ir já longa, ficam pára a... semana.)

Na TIPOGRAFIA CACIENSE executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borôa. Motivo desavença na sociedade.

Para tratar na mesma.

RUA DO GRAVITO
AVEIRO

Todo o nosso *conterrâneo residente em Lisboa* que *desejar a publicação de alguma coisa no nosso jornal* queira *dirigir-se ao Bêco dos Clérigos, n.º 1.*

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» também aqui se vende sendo por excelencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Corôas e urnas funerárias

Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de URNAS do districto. Só vende BARATO

a Casa Leitão de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, moaas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Expediente

Informamos os nossos estimados assinantes que a cobrança feita pelo correio acresce 1\$00.

Por esse motivo torna-se mais económico para o assinante mandar satisfazer a importância das suas assinaturas.

Pedimos aos srs. assinantes o favor de nos avisarem sempre que mudem de direcção.

No caso do nosso jornal não ser entregue regularmente é obséquio avisar-nos para providenciarmos nesse sentido.

Preço dos géneros

Milho b. nacional (20,1)	9\$40
Trigo	23\$00
Centeio	17\$00
Feijão branco	14\$00
Feijão amarelo	13\$00
" mistura	9\$00
" larangeiro	15\$00
" frade	9\$00
Ovos (duzia)	2\$20

VISADO PELA COMISSAO DECENSURA

A Z U L E J O S

Azulejos artísticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisa- : : : : : gens, fotografias, etc. : : : : :

FABRICA

— DA —

FONTE NOVA

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO

PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922 (Casa Fundada em 1882)

FARMACIA ALVES

Angeja

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras. Grande quantidade de produtos químicos, tanto nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e principais accessorios. Execução rapida e perfeita em todo o receiptuario.